

Editorial

SER PROFESSOR:

As Múltiplas Dimensões da Docência

Renato Moretto*
Odila Carvalho Mansur**

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
Se vá tecendo, entre todos os galos.

E se incorporando em teia, entre todos,
Se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entreteendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(João Cabral de Melo Neto)

A DIMENSÃO SOCIAL DO TRABALHO DOCENTE

Toda atividade humana implica em alguma forma de pensamento. Não basta ensinar. É necessário explicitar os objetivos mais amplos em que se fundamenta o porquê ensino e o como ensino. Mais que isto, devemos estimular a discussão séria e profunda sobre os temas ensinados.

Intelectual é aquele que exerce sua criticidade, sua criatividade e sua reflexividade no exercício do pensamento. É o que "tece o amanhã..."

Todo intelectual se agrupa socialmente conforme a ideologia e a economia em que se sustenta.

O docente não pode se restringir ao que ensina. É mais que isto, aquele que educa uma classe de intelectuais, vital para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.

Nossas instituições educacionais se omitem historicamente na educação de seus docentes como intelectuais, esquecidos também do envolvimento psico-afetivo oriundo da integralidade temporal e da curiosidade científica propiciada pela pesquisa.

Serão docentes os professores horistas e viajantes, sem nenhuma vinculação afetiva e intelectual com a instituição mãe?

É função docente estimular as lideranças e não formar gerentes, ordinariamente submissos à ordem que emana do poder atuante.

O momento tradicional de nossas escolas impede a emergência das lideranças, quer na sala de aula, quer nos diretórios acadêmicos.

DESCRITORES

- Docente

KEYWORDS

- Faculty

A atividade pedagógica é intrinsecamente política. Não podemos dissociar o saber do fazer. A função social do trabalho intelectual se reflete na sociedade repetindo modelos, modificando propostas e/ou estabelecendo nossos desafios e/ou paradigmas.

A função social dos docentes enquanto intelectuais pode ser como transformadores sociais, como críticos, ou como adaptados ou ainda como hegemônicos (Gramsci).

Estes últimos se ocultam sob a forma de consultores, assessores e gerentes culturais encontrando nos colegiados docentes e corpos de consultores. Servem aos grupos dominantes emprestando seus afazeres políticos e acadêmicos à causa que abraçam.

Os docentes críticos abraçam a crítica pela crítica refratária a qualquer ação sociocêntrica. Se colocam com responsabilidade, pelo pensamento crítico avaliam a qualidade prática de toda ação e com isto se colocam acima de compromissos sociais específicos. Esquecem que o descompromisso é um compromisso.

O papel social do intelectual é participar teórica e praticamente dos movimentos emancipatórios da humanidade, interagindo com eles, ou seja, agindo sobre e deixando agir nos dois sentidos do fluxo. Não há crítica que não esteja compromissada e alicerçada no fazer. Sartre já colocava que a emancipação intelectual é conseqüente à crítica do compromisso intelectual.

O ser humano é social, na medida em que vive e sobrevive socialmente. Vive articulado com o conjunto dos seres humanos das gerações passadas, presentes e futuras. A educação não se dá isoladamente.

O agir do homem se faz de forma social e histórica, produzindo não só o mundo dos bens materiais, mas também o seu próprio modo de ser, pensar e viver.

Neste contexto o trabalho precisa ser entendido como fator de construção do ser humano. Porque este se torna propriamente humano na medida em que, conjuntamente com outros seres, pela ação, modifica o mundo externo, conforme suas necessidades e, ao mesmo tempo, constrói-se a si mesmo.

Por esse processo, o ser humano avança e se humaniza.

E o nosso jovem? Como podemos ajudá-lo a compreender a importância do trabalho?

Cabe ao educador, responsável que é por ajudar o jovem a descobrir-se a si mesmo, sujeito possuidor de capacidade de avanço, ajudá-lo a construir-se através da atividade, desenvolvendo seus conhecimentos, habilidades, sentimentos e valores.

O primeiro trabalho, o mais urgente, é da própria renovação. Isto implica num processo diário, permanente de auto educação. Como trans-

formar a sociedade se não discutimos dialeticamente a ação política da educação e os fundamentos pedagógicos da política? Décênios de repressão impediram a discussão da sociedade, do Estado, das instituições, de seus saberes e fazeres e gerações foram "liberadas" sem a experiência da crítica, da dialética e da renovação. Sem isto, não se estabelece no jovem a consciência crítica de que ele é o agente de criação interior e de renovação exterior.

O jovem perde a consciência de sua força, melhor dizendo, não a identifica. Descrente, sem ideais e princípios, não leva; vai sendo levado.

A repressão impede a discussão dos valores morais da participação e ação social e com isto não propicia as condições para o estabelecimento da ética.

Se buscamos ser docentes transformadores, devemos assumir uma postura crítica diante do educando e do conteúdo a ser discutido. Devemos ter na história da instituição, departamento, disciplina, escola e/ou, do docente, a ação concreta que permita o desenvolvimento no ideário dos alunos de uma convicção, na possibilidade de serem agentes de mudanças sociais frente a injustiças e desafios.

Quem sabe, sabe que pode. Aliar uma linguagem crítica a uma identificação concreta do real vai permitir ao educando a desmitificação dos moinhos de vento, vencer o caos aparente e ser agente de uma nova ordem; espera-se mais justa e democrática.

O poder que representam os mecanismos sustentadores da sociedade e da escola estão a serviço das elites que controlam o saber a ser ensinado.

O intelectual transformador é crítico na sua linguagem, mas deverá ser adaptado na sua estratégia para poder ser transformador enquanto crítico do poder e dependente do mesmo para sua ação de intelectualidade.

O discurso crítico de Chico Buarque, em "Pai, afasta de mim este cálice" e tantos outros, é uma forma adaptada de expressão de sua intelectualidade posta a serviço da transformação social.

O poder é sempre somatório das forças negativas e positivas, o que permite e exige um exercício dialético, uma vez que a repressão nunca é absoluta, sob o risco de fazer perder o poder.

Em nossa prática, raramente nos questionamos sobre algumas variáveis fundamentais.

Como se organiza o currículo mínimo? Como o conteúdo é selecionado? Por que alguns conhecimentos são relegados a segundo plano? Outros são preteridos? Por que não investimos na formação geral do médico geral como produto final de nossas escolas? A quem serve a tecnologização da arte médica? A quem serve a medicamentação do paciente? Por que não existem entre nós controle de registros, referên-

cias, concentração, rendimento etc? Como é transmitido o conhecimento médico? Quais os pré-requisitos necessários para o acesso ao conhecimento médico? Estão eles identificados? São exigidos? Onde a avaliação do saber empírico de nossa cultura e flora? Que cultura e valores são legitimados ou não pelos instrumentos de poder?

Além de todos estes questionamentos, fica evidente o enorme fosso divisor de águas entre o saber produzido nas universidades (quando produzidos) e o público consumidor (quando tem acesso a este consumo).

O distanciamento é maior quando se faz entre os que produzem o saber e aqueles que não tem acesso ao consumo. Perguntamos: O docente é cidadão?

A consciência clara dos princípios naturais da vida e das leis imanentes que regem as suas forças corporais e espirituais, colocada como pulsão formativa a serviço da educação, vai gerar, por este meio, verdadeiros homens; como o oleiro modela a sua argila, e o escultor, as suas pedras.

Esta é uma idéia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito dos gregos. Este povo viu, pela primeira vez, que a educação tem de ser também um processo de construção consciente, "constituído de modo correto e sem falha, nas mãos, nos pés e no espírito" (poeta grego dos tempos de Maratona e Salamina).

Se podemos sintetizar, hoje, Educação pode e deve ser definida como o processo de construção da cidadania.

A construção do homem é variada pelo fazer, no conjunto de suas ações práticas, orientadas a partir de uma intencionalidade que se nutre de referências significativas (afetivas) representadas simbolicamente. Seu fazer se explicita nas suas relações com seus semelhantes, com a natureza e com sua subjetividade. Na sua prática, o homem realiza sua construção social, produtiva e simbólica. Sendo a qualidade de vida humana o grau de cidadania obtido, seremos cidadãos quando em construção ativa de nossa produção (material, intelectual, etc.) e das relações (afetivas) com o próximo e conosco mesmos. Na sua prática, o homem realiza sua construção social, produtiva e simbólica.

Sendo a qualidade de vida humana o grau de cidadania obtido, seremos cidadãos quando em construção ativa de nossa produção (material, intelectual, etc.) e das relações (afetivas) com o próximo e conosco mesmos.

Qual o papel da educação na obtenção das condições de cidadão, por parte do educando? Ontem, buscávamos a essência; depois, a plenitude; hoje, a qualificação da própria condição humana, levando gerações a melhores oportunidades de trabalho, vida social e cultural subjetiva.

A Educação deve, pois, propiciar o exercício livre do processo democrático, onde todos são iguais perante a lei e deverão manter esta

igualdade diante das possibilidades de acesso a bens materiais, simbólicos e políticos. Só assim podemos falar em cidadania.

O compromisso da cidadania tem três aspectos a serem considerados: o do cidadão, o do docente e o da instituição que abriga o docente e forma o cidadão - a universidade.

"A avaliação e melhora da qualidade do ensino deve começar pelos docentes, tendo-se em vista seu papel central nas instituições de Educação superior. A qualidade dos estudantes também representa um problema, especialmente quando se considera o número de alunos, a diversidade dos programas e os níveis de financiamento". (Frederico Mayer - Seminário de Salzburg - UNESCO)

Acesso, qualidade e recursos são os grandes problemas das universidades no mundo. A discriminação ao acesso é evidente quando sabemos que dois terços dos analfabetos no planeta são mulheres.

Quanto ao docente, como ensinar ao educando a se tornar cidadão, se ainda não o somos? A busca da cidadania se faz pela organização social e política a partir do momento em que não abrimos mão de nossas identificações em organismos sociais, associações docentes, agremiações diversas e partidos políticos. O docente tem que saber de que lado está, não importa mesmo se é o melhor, visto que sempre pode vir a ocupar novo ideário. O que não pode é dispensar seu engajamento social e político, no pré suposto da neutralidade.

Cabe ao docente a compreensão da necessidade e da importância de estar bem informado, na área específica da docência, no campo da educação, nas universidades, na sociedade local, nacional e mundial. "Aceitar só o conhecimento, sem riscos, é quase tão ruim quanto aceitar só os riscos, sem conhecimento". (F. Mayer)

O importante é participar, dizem os jovens. A informação facilita a participação, que é vetor da construção do homem. A participação é ação pessoal, familiar, profissional, coletiva (grêmios, sindicatos, sociedades e associações).

O compromisso político na prática docente visa a formação geral e específica do aluno. Não basta prepararmos alguém para consertar um aparelho de som (aspecto técnico), temos de habilitá-lo à discriminação auditiva do que se ouve no aparelho (aspecto afetivo / sensorio motor). Preparamos o educando para a vida social, valorizando seu conhecimento específico, mas também sua criatividade, sua responsabilidade pessoal/social.

Devemos estimular a pluralidade do pensamento, a crítica, a dialética quanto ao fazer político, a justiça social, a liberdade, a ética e as humanidades.

Esses valores devem ser do educando e do educador.

A DIMENSÃO HUMANA DO TRABALHO DOCENTE

A sala de aula se caracteriza por ser também um grupo, com toda a complexibilidade do grupo social. O ensino é um processo pessoal e interativo, um intercâmbio entre professores e alunos, cuja intenção é modificar a maneira como uma pessoa se comporta. A modificação pretendida é a aprendizagem.

Ensinar e aprender envolvem comportamentos intimamente relacionados, onde as ações de um provocam ou desencadeiam as do outro. Professor e aluno afetam-se mutuamente.

Cada um desses elementos – aluno e professor – vem para a sala de aula com uma bagagem própria, ou seja, cada um traz consigo uma história pessoal, valores, interesses, necessidades, dificuldades.

Costuma ser o professor o desencadeador deste processo interpessoal, estimulando situações como pergunta – resposta, problema-solução, exposição – discussão. Ele é o mediador entre o sujeito (aluno) que deseja conhecer e a verdade (informação) a ser conhecida.

Professor e alunos interagem a nível de relações humanas. Toda relação humana supõe comunicação, diálogo. À medida que o diálogo é aberto, franco, a distância é diminuída, o relacionamento interpessoal é facilitado, trazendo como consequência a melhoria da aprendizagem. O ato de comunicar, em geral, é deflagrado por um objeto ou assunto, em uma situação determinada. Ou seja, as pessoas se comunicam com respeito a alguma coisa e o fazem em contexto situacional determinado.

É importante lembrar que a comunicação é um processo dinâmico e não mecânico, o que significa que embora seus elementos sejam colocados no modelo como partes separadas da realidade, todos eles agem de maneira simultânea e interativa. Por outro lado, a comunicação não consiste apenas na emissão e recepção de mensagens deliberadas. Assim, quando o professor está comunicando, ele está recebendo e processando, ao mesmo tempo, todo o tipo de sensações internas e externas, acontecendo o mesmo com os alunos.

Se a matéria, o conteúdo pode ser esquecido, por outro lado, o “clima” das aulas, as conversas informais, as horas tristes ou alegres compartilhadas, os valores veiculados durante este convívio, certamente serão lembradas, até muitos e muitos anos depois, ou por toda vida, porque marcaram profundamente aquele educando.

Ao adentrarmos uma sala de aula, muitas vezes nos perguntamos: “o que venho eu fazer aqui?”, “O que eu espero deles e o que eles esperam de mim?”. A palavra do professor é um universo riquíssimo, que abre um campo de possibilidades indefinidas.

A construção do conhecimento é um processo interativo e, portanto, social. Nessa interação, são transmitidos e assimilados conheci-

mentos, idéias são trocadas, opiniões são expressas, experiência são compartilhadas, modos de ver e conhecer o mundo e os seres são manifestados e valores veiculados.

O professor pensa que ensina o que quer ensinar e o aluno aprende dele o que quer aprender; não necessariamente aquilo que ele pretende estar ensinando.

O professor ensina muitas vezes aquilo que nem pensa que está ensinando, mas que o aluno retém, a partir de uma posição assumida, um comunitário, um gesto, uma palavra ou um silêncio.

O silêncio também fala. Assim como o espaço em branco é importante para o poema, o saber pode brotar do silêncio. No entanto, muitas vezes achamos que temos que preencher com um discurso uma aula de cinquenta minutos. E tantas vezes o aluno aprende o avesso, o diverso, o diferente do que dissemos. Ele aprende também, o que está escrito nas entrelinhas.

Limitar o estudo à dimensão cognitiva é fragmentá-lo. As três dimensões – social, afetiva cognitiva – não se excluem, antes coexistem em todos os momentos.

O pressuposto básico dessa interação é a presença do professor, o diálogo que poderá estabelecer. Sua maturidade emocional, seu auto conceito, sua aceitação é que vão tornar possível uma relação sem defesas, barreiras ou inseguranças.

A base deste relacionamento está no tripé: autenticidade do professor, sua competência profissional e aceitação da pessoa do aluno, como ele é, merecedor de todo respeito e consideração.

Caberá ao professor encorajar a participação do aluno, sua iniciativa e responsabilidade. Ele tem uma função incentivadora e organizadora, ajudando o aluno na construção do conhecimento.

Para que o professor facilite a aprendizagem faz-se necessário que tenha:

- Apeço ao aprendiz: a seus sentimentos e opiniões; como um ser humano imperfeito, dotado de sentimentos, potencialidades, dificuldades e esperanças;
- Autenticidade: ser uma pessoa real, capaz de apresentar-se tal como é, de entrar em relação com o aluno, sem ostentar uma determinada aparência ou fachada, mas colocar-se como uma pessoa inteira, viva, com sentimentos e convicções;
- Compreensão empática: sentir com o outro, “calçar suas sandálias”, compreender sem julgar, partilhar, estar ao lado.

Assim, o melhor professor é aquele que não pensa deter o saber ou o poder, mas aquele que está disposto a fazer emergir o saber múltiplo.